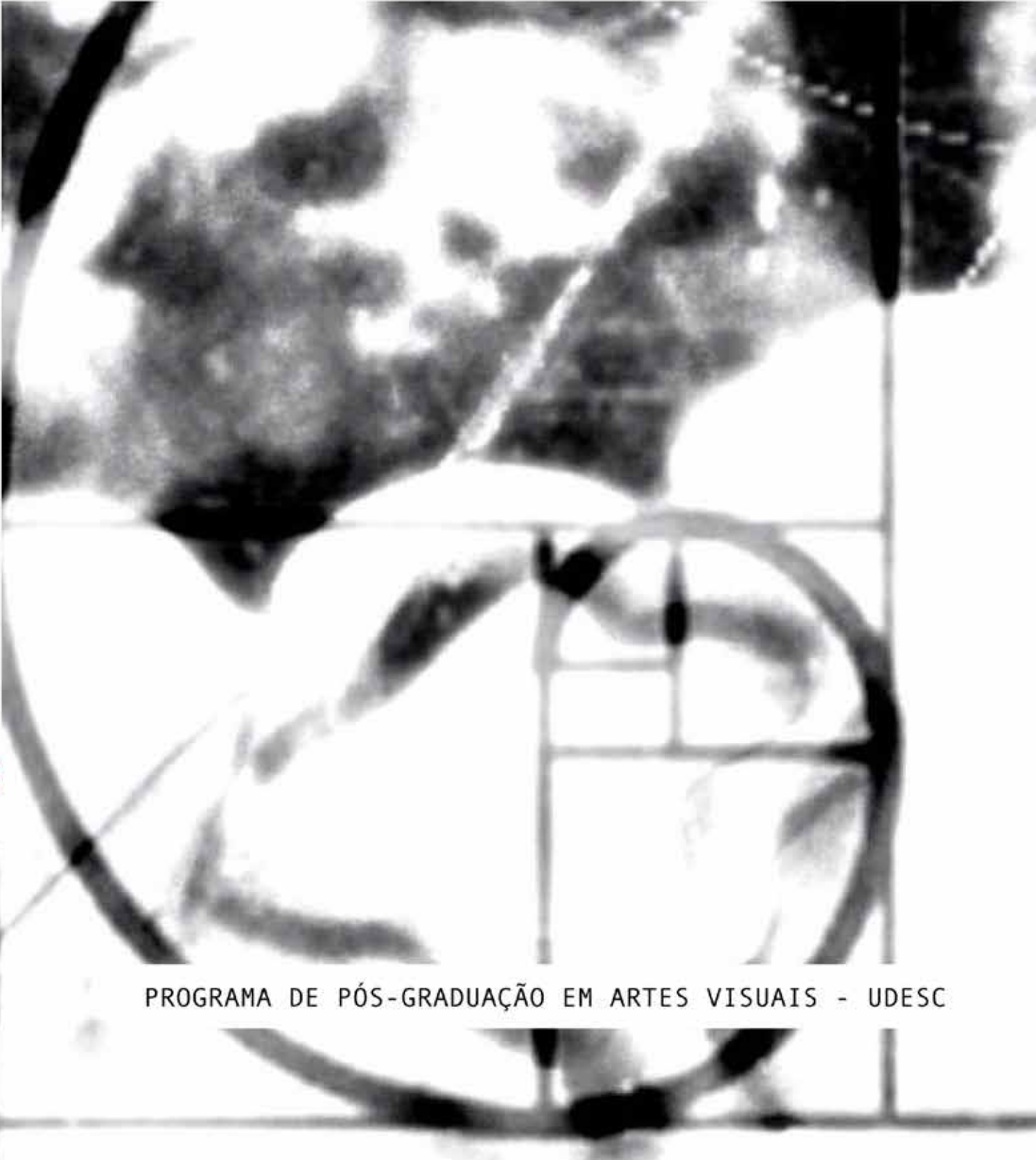


PALÍNDROMO

18

ISSN - 2175-2346

Volume 9, Número 18, maio-agosto 2017



18

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - UDESC

Expediente

REVISTA PALÍNDROMO**ISSN 2175 2346****UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**

Reitor: Prof. Dr. Marcus Tomasi

CENTRO DE ARTES – CEART

Diretora Geral: Prof. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – DAV

Chefe: Prof. Dra. Sandra Maria Correia Fávero

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – PPGAV

Coordenadora: Prof. Dra. Jocielle Lampert de Oliveira

EDITORES

Prof. Dra. Rosangela Cherem (editora chefe)

Prof. Dra. Sandra Regina Ramalho e Oliveira

Prof. Dra. Yara Rondon Guasque Araújo

EDITOR DE SESSÃO

Prof. Dra. Luana Maribele Wedekin

CORPO EDITORIAL TÉCNICO

Discentes bolsistas de mestrado e doutorado do PPGAV:

Ms. Viviane Baschiroto (coordenação)

Ms. Silfarlem Junior de Oliveira

Ms. Rafael Schultz Myczkowski

Carla Fonseca Abraão de Barros

Cheyenne Luge Oliveira

Sebastião Gaudêncio Branco de Oliveira

CONSELHO DE PARECERISTA – Palíndromo v.09, n.18, 2017

Ana Andrade

Andreia Oliveira

Emanuele Siebert
Fellipe Teixeira Albuquerque
Gustavo Araújo
Luana Maribele Wedekin
Nadia Senna
Niura Ribeiro
Maria Barbosa
Marina Polidoro
Mário Carvalho
Marlen De Martino
Moema Rebouças
Regilene Sarzi-Ribeiro
Rodrigo Santos
Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira
Telma Scherer
Valeska Bernardo Rangel
Valzeli Sampaio
Wilson Roberto da Silva

FOTO DA CAPA

Larissa Janning
A chave áurea (detalhe), 2017, técnica: arte digital

DIAGRAMAÇÃO

Leandro Rosa da Silva

PRODUÇÃO GRÁFICA

LABDESIGN do CEART

CONTATO

revistapalindromo@udesc.br

A Revista Palíndromo é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Existe desde 2004, inicialmente na forma impressa e depois apenas em modo eletrônico a partir de 2009. Trata-se de uma revista digital sem fins lucrativos e concebida para ser um veículo de divulgação de pesquisas e produção de conhecimento, devidamente inscrita na plataforma do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER).

Palíndromo é uma palavra de origem grega que indica o que pode ser lido numa direção e também no sentido inverso, ou seja, de trás para frente. Aversa à ordem e às normas pré-estabelecidas, a pesquisa em/ sobre artes visuais remete não apenas a normas negadas, como demanda constante revisão de dados, processos e reorganização de ideias, acolhendo o que pode ser pensado como transito e travessia que desconhece uma só direção.

Sumário

| | |
|--|----------------|
| EDITORIAL | <i>07-09</i> |
| SESSÃO TEMÁTICA | |
| O CONTRA-ARQUIVO NA ARTE: O PODER XAMÂNICO DE UMA ANTROPOLOGIA REVERSA Melissa O. Rocha | <i>10-28</i> |
| ARTE CONCEITUAL E HISTÓRIA: POÉTICA E MILITÂNCIA NA DÉCADA DE 1970 Rodrigo Vivas | <i>29-43</i> |
| A CULTURA E A CRÍTICA SOCIAL PELO OLHAR DO HUMOR GRÁFICO Tatiane Aparecida Severino | <i>44-62</i> |
| RETRATOS SEM RETOQUES? A EXPERIÊNCIA DE FOTOBAHIA E O LUGAR SOCIAL DA FOTOGRAFIA Elson de Assis Rabelo, Rafaela Novaes Feitoza | <i>63-80</i> |
| “MEMÓRIA DE FERRO”: TRAJETÓRIA ARTÍSTICA E PRODUÇÃO ESTÉTICA DE EDER SANTOS Thamara Venâncio de Almeida | <i>81-105</i> |
| FÁBULAS E FRONTEIRAS NA POÉTICA URBANA DE FRANCIS ALÿS Germana Konrath | <i>106-127</i> |
| ARTE DESTACADA DAS PAREDES: GALERISTAS ROUBAM GRAFITES? Marcelo Mari | <i>128-141</i> |
| SESSÃO ABERTA | |
| A EVOLUÇÃO ARTÍSTICA E CIENTÍFICA DO ORIGAMI: UM ESTUDO TEÓRICO E PRÁTICO SOBRE A PRÁTICA E TÉCNICAS DAS DOBRADURAS Samanta Aline Teixeira, Milton Koji Nakata | <i>142-163</i> |

O ARREBOL DE LÍRICA MELANCOLIA NA NARRATIVA PICTÓRICA
DE IULI KLEVER 164-185
Ludmila Menezes Zwick

NAS FENDAS DO REGIME ESCÓPICO 186-204
Lúcia Helena Fidelis Bahia

RESENHAS

COMENTÁRIO SOBRE "L'AVVENTURA", DE GIORGIO AGAMBEN: UM, ENSAIO
SOBRE DEUSES, DESTINO E LITERATURA 205-216
Thays Tonin, Luan Luis Sevignani

Arte, Arquivo e Política

Esta edição da revista Palíndromo, coordenada pela linha de pesquisa Teoria e História das Artes Visuais do PPGAV/UDESC, tem como eixo temático as noções de Arte, Arquivo e Política. Através de chamada aberta e apreciação cega por pares, apresenta-se um conjunto de sete artigos que ora discutem as relações entre arte e política de forma direta, ora tocam a questão de forma mais expandida. Compreende-se aqui estética e política como esferas confluentes, seja ao pensar o contexto de produção das obras, no que tange ao lugar social do artista, aos aspectos do mercado da arte e da recepção pela crítica e pelo público; seja ao considerar e criticar regimes de verdade que orientam as leituras das obras de arte; seja ao abordar artistas cuja poética abraça diretamente as questões políticas. Arquivos neste caso podem ser resistências ao esquecimento, podem ser fontes para memórias em produções que assumem o papel de espaços de imaginar, flertes para possibilidades de mudança.

Abre o dossiê o artigo "O contra-arquivo na arte: o poder xamânico de uma antropologia reversa", de Melissa Rocha, no qual a relação arte, arquivo e política é articulada a partir de uma referência apocalíptica da cosmologia Yanomami. É um artigo de contundente caráter denunciatório. A noção de contra-arquivo surge como resistência aos "arquivos do mal" como descreveu Derrida sobre a manipulação ou interdição de arquivos oficiais. A autora retira do esquecimento o sistemático processo de apagamento/extermínio de etnias indígenas especialmente no período da Nova República (a partir de 1985), ressaltando trabalhos de artistas brasileiros que se dedicaram à causa indígena.

Três artigos tratam de obras realizadas na década de 1970 no Brasil, marcada principalmente pela supressão de direitos impetrada pelo regime militar. O escrito de Rodrigo Vivas "Arte conceitual e história: poética e militância na década de 1970" apresenta o cenário da arte de Belo Horizonte da década de 1970 em relação ao contexto político brasileiro, concentrando sua atenção nos Salões de Arte da Cidade de Belo Horizonte e as repercussões da introdução de poéticas conceituais nesses eventos.

A década de 1970 também delimita o marco cronológico da análise realizada no artigo "A cultura e a crítica social pelo olhar do humor gráfico", de Tatiane Severino, no qual são estudados os desenhos de humor de Luiz Antônio Solda e Luiz Carlos Retta-mozo publicados no jornal curitibano Diário do Paraná entre 1976 e 1977. Raymond Williams e Néstor G. Canclini são os referenciais teóricos para discutir a produção gráfica de humor numa publicação de massa como elemento da cultura que assume função de questionamento sociopolítico.

Em “Retratos sem retoques? A experiência de Fotobahia e o lugar social da fotografia”, Elson Rabelo e Rafaela Feitoza resgatam e analisam a produção do Grupo de Fotógrafos da Bahia no período de 1978 e 1984. Além dos diálogos com o período de reabertura política do país, as exposições, catálogos e atividades formativas do grupo revelam o papel do fotojornalismo no contexto do final da ditadura militar, a conquista da atribuição do crédito autoral nos veículos de imprensa, o debate entre a forte tendência da fotografia engajada e a fotografia autoral; a discussão dos pressupostos do gênero do retrato e a redefinição do lugar social do fotógrafo.

Em “Memória de ferro”, Thamara V. de Almeida retoma a trajetória artística e produção estética do artista multimídia Eder Santos, cuja obra toca a temática da política da memória, que tem como recorrente um resgate histórico ao passado.

O artigo “Fábulas e fronteiras na poética urbana de Francis Alÿs”, de Germana Konrath, explora o potencial político dos trabalhos do artista belgo-mexicano, discutindo o espaço urbano (público) como político (e sua raiz etimológica na palavra polis), as noções de compartilhamento, fronteiras e território, a partir de Rancière, Michel de Certeau, Deleuze e Guattari.

O artigo de Marcelo Mari, “Arte destacada das paredes: galeristas roubam grafites?”, problematiza os processos de mercantilização do *grafitti* a partir da análise do caso da exposição *Street art, Banksy & Cia: A arte em seu estado urbano*, em Bolonha no ano de 2016. Revela as contradições entre o aspecto subversivo da *street art* e os mecanismos pelos quais esta arte é tragada pelo mercado de arte, com ou sem a anuência do artista.

A segunda seção da revista conta com três artigos aceitos pelo sistema de fluxo contínuo. Em “A evolução artística e científica do origami”, Milton Nakata e Samanta A. Teixeira pensam o origami como arte milenar japonesa capaz de ultrapassar fronteiras conceituais, conjugar arte e ciência, arte e design, num processo de evolução que passa primeiramente pela experimentação artística tátil e exploração matemática teórica no contexto da arte moderna (no qual pode-se citar Josef Albers, Ronald D. Resch e Lygia Clark), e nas apropriações contemporâneas ganha autonomia e precisão técnica, adentrando múltiplos aspectos comunicativos e tecnológicos. Após apresentação mais detalhada destes dois momentos de apropriação do origami, o artigo expõe o processo de criação de uma bolsa com uso da técnica, fundindo premissas originais da dobradura com a noção da sustentabilidade.

Em “O arrebol da lírica melancolia na narrativa pictórica de Yuli Klever”, Ludmila M. Zwick apresenta ao público brasileiro a obra deste artista romântico nascido na Estônia. Situa-o na produção romântica europeia nas artes visuais, literatura, crítica de arte e mesmo na música, assim como o associa à produção russa sua contemporânea identificando suas paisagens com a noção de uma lírica pictórica.

O escrito “Nas fendas do regime escópico”, de Lucia H. F. Bahia, promove uma análise das indagações sobre inquietudes visuais promovidas pelos artifícios da luz na obra de Luiz Henrique Schwanke e do espelho nas produções de Cildo Meireles, a partir de uma perspectiva antiocularcêntrica identificada no pensamento de Georges Bataille e Jacques Lacan.

A edição fecha com a resenha de Thays Tonin e Luan Sevignani “Comentário sobre *L’Aventura* de Giorgio Agamben: Ensaio sobre deuses, destino e literatura”,

que expõe os aspectos essenciais desta obra do filósofo italiano publicada em 2005 e ainda sem tradução para o português.

A capa desta edição é de autoria da artista catarinense Lara Janning, "A chave áurea (detalhe)", 2017. A sobreposição do esquema da seção áurea sobre registro fotográfico do cotidiano recorre à noção de ambiguidade perceptiva e conceitual. O arquivo da artista compõe-se dos referenciais culturais da região de nascimento e criação de sua família paterna, o município de Rancho Queimado em Santa Catarina, mais especificamente o Rio Novo com sua cultura material e imaterial (as tradições alemãs). O idílio rural (irreconhecível na imagem) é o fundo para o esquema milenar de proporção, fractal cuja linha promove um movimento centrípeto: a artista vai para o mundo (sua formação como artista deu-se em Portugal) e retorna para sua vivência local, mergulha nas memórias pessoais e ancestrais. Se há aqui elemento político é aquele que nega o esquecimento das origens, reconhece a pertença regional, passa pela afirmação do objeto e da materialidade da arte, defende veementemente a beleza e o lirismo, retorna ao modelo de artista romântico, só, em meio à natureza como caminho do cultivo de si.

Deseja-se aos leitores desta edição que desfrutem dos escritos sobre esta temática especialmente pertinente no Brasil – e no mundo - atual! Lendo estes textos tem-se a impressão que aquele passado de cerceamento das liberdades corajosamente confrontado por artistas brasileiros na década de 1970 está longe de representar apenas a reminiscência de um passado distante. Ao refletir acerca desta temática, é impossível deixar de perguntar-se sobre o alcance das mudanças nas operações políticas promovidas por intervenções poéticas (como bem levanta Konrath sobre Francis Alÿs). Contudo, vale sublinhar as produções de artistas que usam sua liberdade para falar da não-liberdade dos outros, produzindo uma arte para os "sem nome", como recentemente exaltou Georges Didi-Huberman.

Luana Maribele Wedekin
Editor de Sessão